

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**Mulheres em processo de separação: um estudo sobre o partir ou permanecer em um relacionamento violento**

**ALUNA:** Daniela Luciana de Faria Ellio

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca



**SÃO CARLOS  
DEZEMBRO – 2018**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	3
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	8
<b>OBJETIVO</b> .....	8
<b>MÉTODO</b> .....	8
Participantes .....	8
Local.....	9
Instrumentos .....	9
Materiais.....	10
Aspectos Éticos .....	10
Procedimentos .....	10
Análise dos dados.....	11
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	11
Caracterização das participantes .....	11
Histórico de VPI.....	13
Variáveis relacionadas à violência física entre parceiros íntimos .....	15
Relacionamento dos filhos com a mãe .....	22
O que leva a mulher a permanecer no relacionamento violento?.....	24
O que contribuiu para interromper o relacionamento violento?.....	27
Implicações da separação na vida da mulher .....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## RESUMO

O fenômeno da violência é considerado um problema de saúde pública pela OMS desde 1996. No escopo da violência contra a mulher, o relacionamento íntimo se mostra como um dos contextos mais comuns para a ocorrência deste fenômeno caracterizado, aqui, como violência entre parceiros íntimos (*Intimate Partner Violence – VPI*). Sabendo que a maioria das vítimas de VPI são mulheres e que muitas delas são mães, as crianças também podem estar expostas à violência e ambas sofrem com suas consequências. Frente a este cenário, a separação pode se tornar um processo longo e exaustivo, norteado por fatores de risco e proteção, em que a mulher precisa contornar mitos e crenças sociais para tomar a decisão de deixar ou permanecer no relacionamento violento. Assim, este estudo teve como objetivos: analisar a narrativa de mulheres sobre suas motivações na decisão de continuar ou interromper este tipo de relacionamento, dando especial atenção ao processo de separação. A coleta de dados foi realizada de maneira presencial e online através de uma entrevista individual com duração de uma hora. A entrevista foi orientada pelo Roteiro de Entrevista adaptado de Williams (2010) e, adicionalmente, foi aplicado o instrumento Escala de Táticas de Conflitos (CTS-2) para uma mensuração padronizada da extensão das agressões. Todas as participantes relataram ter sofrido violência psicológica e nove passaram por episódios de violência física, sendo que sete delas tiveram seus filhos expostos à violência. Todas estavam separadas no momento da entrevista, no entanto, duas delas gostariam de ter continuado com o relacionamento e, nestes casos, a decisão da separação veio do parceiro. Os dados deste estudo podem trazer contribuições não apenas à pesquisa acadêmica, mas também aos profissionais da rede de proteção e comunidade, servindo como um material de auxílio na compreensão sobre as vicissitudes da separação.

*Palavras-chave:* violência entre parceiros íntimos, separação, mães, exposição à violência, criança.

## INTRODUÇÃO

É consenso, no campo de estudos da Psicologia, que a violência está presente na vida de inúmeros indivíduos e que episódios de caráter violento dos mais variados tipos acontecem independentemente do país, cultura, religião e nível socioeconômico em que os mesmos estão inseridos. A violência é mundialmente considerada um problema de saúde pública desde 1996 (Resolução WHA49.25, WHO, 1996) e definida pela Organização Mundial da Saúde como

“uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2014).

Entretanto, ainda de acordo com o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, é necessário ter em mente que este é um conceito altamente complexo. Sua definição tenta compreender e integrar todas as naturezas de abuso (físico, psicológico, sexual e negligência) e pode sofrer mudanças ao longo do tempo, conforme a cultura e a sociedade reformulam seus valores e normas.

Neste estudo a atenção será voltada a uma forma específica de violência, no entanto, uma das mais comuns quando se trata de violência contra a mulher: a violência entre parceiros íntimos (do inglês: *Intimate Partner Violence* – VPI) (WHO, 2012). Segundo o informativo publicado pela Organização Mundial da Saúde, este fenômeno pode ser descrito como qualquer comportamento que cause danos físicos, sexuais e emocionais a um indivíduo dentro de um relacionamento. A organização ainda esclarece que em muitos países a VPI é compreendida como violência doméstica, no entanto, explicita que a violência doméstica também inclui a violência sofrida por outras pessoas que vivem em uma família, e não necessariamente estão dentro de um relacionamento íntimo, como ocorre na VPI.

Autores como Saltzman et al. (1999) decompõem cada um destes comportamentos que causam algum tipo de dano à vítima, entendendo violência física como qualquer ato intencional que resulte em morte, incapacidade, ferimentos ou

prejuízos; violência sexual como comportamentos que forçam uma pessoa a ter relações sexuais contra sua vontade ou a relação sexual com pessoas que são incapazes de entender a natureza do ato; e abuso emocional/ psicológico como o trauma causado na vítima pelo parceiro íntimo por sofrer humilhação, ter seus atos controlados e ser isolada da família e amigos.

É evidente que todos estes comportamentos abusivos e violentos trazem consequências ao indivíduo que foi alvo dos mesmos. Conforme Giardino e Giardino (2010), as consequências da violência entre parceiros íntimos abarcam desde danos psicológicos como depressão, ansiedade, tendências suicidas, transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias e somatização, até danos físicos como a manifestação de doenças crônicas, hipertensão, problemas cardíacos, gravidez indesejada e outros. Além das consequências, a violência é experienciada pela mulher na forma de um ciclo, característica que pode tornar mais difícil o rompimento da relação e, por conseguinte, a interrupção da violência, segundo os autores. Este ciclo foi inicialmente proposto na Teoria do Ciclo da Violência de Walker (1979), e descrito pelos autores como estágios que a violência percorre dentro de um relacionamento íntimo.

No primeiro estágio há a criação da tensão: o agressor faz ameaças com o objetivo de manter o controle sobre a vítima; em seguida há a explosão: a violência é perpetrada; por último, o estágio da lua de mel: momento em que o agressor tenta a reconciliação e promete interromper a violência, o que dá esperanças à vítima de melhora no relacionamento e a encoraja a permanecer com o parceiro (Giardino e Giardino, 2010).

Como já afirmado pela OMS (2012), a violência entre parceiros íntimos é uma das formas mais comuns de violência contra a mulher. Nesse sentido, quando há a possibilidade desta mulher também ser mãe, a criança pode estar exposta à violência em alguma medida. De maneira geral, ainda com Giardino e Giardino (2010), os efeitos da violência podem se estender às crianças expostas a ela, trazendo consequências a nível físico e psicológico: problemas de socialização e regulação emocional, complicações quanto ao desenvolvimento psicológico, comportamentos de risco como abuso de álcool e drogas, bem como sexo desprotegido e gravidez precoce.

Uma revisão de literatura realizada pela *Australian Domestic and Family Violence Clearinghouse* (2011) sobre o impacto da violência doméstica em crianças

concluiu que as crianças estarão expostas e serão consideravelmente afetadas pela violência sempre que a mesma estiver presente, não importando a natureza da violência. Portanto, as mesmas podem testemunhar, ser envolvidas nos atos violentos, ou até mesmo ser o próprio alvo do abuso, experiências que muitas vezes continuam impactando a criança durante e depois do processo de separação.

Devido à crença disseminada de que casais deveriam permanecer juntos pelas crianças, um estudo realizado por Emery (2009) questionou se crianças realmente se beneficiam quando um relacionamento violento é mantido. Os achados indicam que há uma relação entre problemas de comportamento internalizantes e externalizantes das crianças e a decisão da mãe manter o relacionamento.

Os motivos que fazem uma mulher decidir continuar em um relacionamento violento é pressuposto para a perpetuação de vários mitos que comumente são disseminados na sociedade (Sinclair, Bonomi & Williams, 2010). De acordo com as autoras, crenças como “uma mulher sofre violência porque quer e sairia do relacionamento se realmente desejasse o fim da violência” são muito corriqueiras e transferem a culpa da agressão diretamente para a vítima.

Porém, a mulher permanece no relacionamento com seu agressor por variados motivos que vão da esfera pública à esfera individual (White et al., 2011). Sendo assim, podem ser citados fatores como crenças sociais (cumprir papéis ligados ao gênero feminino de submissão e dependência, culpar a vítima); o quão fácil é o acesso a recursos na comunidade que a protejam e ajudem a abandonar a relação (ter seu próprio emprego, creche para os filhos, apoio da família e amigos, acesso a advogado e assistente social); e, por fim, sua experiência psicossocial que pode ter colaborado com a sua vitimização (Sinclair, Bonomi & Williams, 2010).

Ao tentar compreender os motivos que contribuem para a vítima continuar no relacionamento é muito importante lembrar-se que existem fatores de risco exercendo influência sobre a vítima e o agressor (White et al., 2011). Como investigado pelos autores, estes fatores são determinados de acordo com a sociedade e a comunidade em que ambos os parceiros vivem, a dinâmica do relacionamento, a vulnerabilidade da vítima e o histórico de episódios violentos do agressor. Para os autores, a comunidade que aumenta o risco de violência é aquela caracterizada pela desigualdade econômica, pela falha na implementação de leis que protegem a mulher, além de conservar rígidos

padrões de gênero. No que se refere ao relacionamento, os autores apontam aspectos como falta de habilidades interpessoais, baixas habilidades em resolução de problemas, dominância masculina e dificuldade de comunicação também contribuem. Em relação ao agressor, há a presença de elementos como o baixo nível de escolaridade, histórico de agressão com outras parceiras, ter presenciado ou sofrido violência na família de origem, abuso de substâncias e outros. E, finalmente, White et al. (2011) reportaram que a vítima tem seu risco de vitimização aumentado por fatores como experienciar violência na infância, abuso de substâncias, desemprego, baixa renda, presença de filhos dentro de casa (sendo filhos biológicos do parceiro ou não), dentre outras variáveis que irão se diferenciar de acordo com a ocasião.

A educação se mostrou como um fator de proteção em um estudo produzido por Ackerson et al. (2008), a depender de múltiplos aspectos relacionando VPI com o nível de educação da mulher, do marido e da comunidade em que vivem. Os achados indicaram que uma mulher com um nível maior de educação tem uma maior possibilidade de obter independência financeira, o que aumenta suas chances de deixar o agressor. No que se refere ao marido, um maior nível de educação estava correlacionado com uma menor chance de tornar-se um agressor. No entanto, segundo os autores, apesar do maior nível de educação ser um fator protetivo contra a VPI, o nível de educação das pessoas com que a mulher convive em seu contexto também pode ser um fator importante para a redução, ou não, da VPI. Sendo assim, o grau de alfabetização da comunidade em que a mulher vive pode influenciar na decisão de permanecer no relacionamento mesmo que ela possua um alto nível de educação, caso a comunidade seja pouco alfabetizada e possua normas sociais que sejam fortemente contra o divórcio.

Em relação ao processo de separação, um estudo realizado por Wuest e Merritt-Gray (1999) com uma população de mulheres vivendo em área rural, teve como foco o processo de sobreviver no relacionamento, preparar-se para sair e gerenciar as crises iniciais da separação. As autoras afirmam que reestabelecer-se dentro do contexto em que vive (*reclaim self*) é o processo psicossocial de maior importância para que uma mulher consiga sair e não retornar ao relacionamento conjugal abusivo. Para isso, é necessário que a mulher obtenha ajuda de sua comunidade e de recursos formais, o que nem sempre ocorre de maneira constante, além da possibilidade dessa ajuda vir com um olhar estigmatizado e culpabilizante. Isso faz com que o sentimento de liberdade após

deixar o relacionamento se transforme em vulnerabilidade e medo, resultando na volta para o agressor e na perda de credibilidade pelas pessoas a sua volta. Desta forma, as autoras apontaram a importância de pessoas atuarem como facilitadoras e não contribuírem para a volta da mulher para o relacionamento.

### **JUSTIFICATIVA**

Como apresentado anteriormente, a violência é um fenômeno multifacetado e dada a necessidade em conhecer a extensão do problema, o foco em pesquisas de prevalência, necessariamente quantitativas, muitas vezes podem não conseguir transmitir ou apresentar as singularidades das experiências das mulheres que passaram pelo processo de deixar um relacionamento abusivo. Além disso, o processo de separação mostra-se como uma caminhada longa e exaustiva pelo fato de muitas vezes a comunidade e os serviços de proteção oferecidos não compreenderem a separação como um processo gradual que exige da mulher uma série de grandes e dispendiosas mudanças em sua vida. Hipotetiza-se que fatores de risco como crenças sociais, renda, escolaridade, dentre outros são variáveis que interferem na decisão da mulher de permanecer ou deixar um relacionamento violento.

Os dados podem auxiliar profissionais que atuam com a rede de proteção à mulher, pesquisadores e a comunidade de modo geral a reconhecer as vicissitudes e experiências das mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos, as dificuldades enfrentadas para interromper o mesmo e os sinais de um relacionamento violento, para que o ciclo seja interrompido antes que danos maiores se sucedam.

### **OBJETIVO**

O presente estudo teve como objetivo analisar a narrativa de mulheres sobre as motivações que as levaram a permanecer e/ou interromper um relacionamento violento, buscando captar as singularidades de suas vivências, principalmente as que envolvem o processo de separação.

### **MÉTODOS**

#### *Participantes*

O estudo contou com a participação de 10 mães com histórico de VPI que estavam em processo de separação ou que já haviam consolidado a mesma.

## *Local*

A presente pesquisa foi realizada em três diferentes contextos: seis participantes foram entrevistadas em suas casas, três participantes passaram por entrevista online através de um aplicativo de mensagens e uma participante foi entrevistada em uma sala de atendimento do Serviço Escola em Psicologia, localizado no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

## *Instrumentos*

1. Roteiro de Entrevista adaptado de Williams (2010), o qual possibilitou a obtenção de informações como identificação da participante, escolaridade e problemas relacionados à educação dos filhos.
2. Critério Brasil (versão de 2016). este instrumento avalia o nível socioeconômico das famílias, com base em itens referentes ao poder aquisitivo, posse de bens de consumo duráveis e grau de instrução do chefe da família.
3. Escala de Táticas de Conflitos (CTS-2), originalmente criado por Strauss et al. (1996) que foi resumido e adaptado para o Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1999. Este instrumento consiste em medir a extensão das agressões físicas e psicológicas de parceiros íntimos, assim como o uso de diferentes técnicas para a resolução de conflitos. O CTS-2 é composto de 10 questões que seguem: a) sem violência (conversou ou tentou argumentar sobre alguma questão); b) violência verbal/emocional (insultou ou falou mal o outro/você; recusou-se a falar sobre o assunto ou saiu batendo a porta; gritou com o outro/você; ameaçou bater (com) ou atirar alguma coisa no outro/você,); c) violência física (jogou/amassou/bateu/chutou alguma coisa na parede; ameaçou bater (com) ou atirar alguma coisa no outro/você; atirou alguma coisa no outro/você; empurrou/bateu/chutou/ feriu o outro/você); e d) violência física grave (espancou/tentou estrangular o outro/você; ameaçou o outro/você com uma faca ou uma arma de fogo ou usou uma faca ou arma de fogo contra o outro/você). Todas as questões foram respondidas através de uma escala de

frequência que marca de 1 a 6, para se referir ao número de vezes que um determinado evento ocorreu: 1 (uma vez), 2 (duas vezes), 3 (três a cinco vezes), 4 (seis a dez vezes), 5 (mais de dez vezes) e 6 (nenhuma vez). As mulheres foram consideradas como vítimas de violência física quando apresentaram escore maior do que zero em violência física; e vítimas de violência psicológica quando apresentaram escore maior do que zero em violência verbal/emocional.

### *Materials*

Nas coletas de dado presenciais (N=7) foi utilizado um dispositivo de gravação de áudio como meio de registro da entrevista. Já nas entrevistas online, a pesquisadora conversou com as participantes (N=3) através de mensagens de áudio. As entrevistas foram realizadas respeitando os horários de disponibilidade das participantes.

### *Aspectos Éticos*

Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAEE 79107917.0.0000.5504) que, em sua Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012, define que a autonomia e dignidade do participante sejam respeitadas, reservando ao mesmo o direito de deixar a pesquisa a qualquer momento, assim como ter a ciência dos riscos e benefícios que o estudo pode implicar. Apenas participaram da pesquisa as mulheres que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1) e autorizaram a gravação da entrevista.

### *Procedimentos*

As participantes foram recrutadas por meio da divulgação de uma imagem-convite em redes sociais e/ou entraram em contato com a pesquisadora após saber da pesquisa através de terceiros. Ao fazer contato com as participantes, a pesquisadora a informava sobre a pesquisa, sobre os instrumentos que seriam utilizados e o tempo médio de duração da entrevista. Em seguida, era verificada a anuência em participar da pesquisa e agendado um dia/horário/local para a realização da coleta de dados. Como

algumas participantes não tinham disponibilidade para a coleta presencial, a pesquisadora apresentava como alternativa a opção da entrevista por meio de aplicativo de mensagens. Nesse momento era possível selecionar a modalidade de entrevista (presencial e online). No caso das participantes presenciais, foi realizada a coleta de dados na casa de seis delas (exceto uma participante que optou ir ao Serviço Escola em Psicologia), e todas responderam aos instrumentos antes de iniciar a entrevista. Com relação às outras três participantes pertencentes à modalidade de entrevista online, elas inicialmente responderam aos instrumentos CTS e Critério Brasil em um formulário online e a entrevista ocorreu apenas depois do envio das respostas. Após a análise dos dados, a pesquisadora enviou às participantes uma devolutiva individual a respeito dos principais achados.

#### *Análise dos dados*

Os dados coletados através do CTS-2 e do Critério Brasil (2015) foram tabulados e analisaram-se os mesmos a partir das instruções do instrumento. Já os registros em áudio das entrevistas foram transcritos e armazenados em um microcomputador e, posteriormente, examinados pelo programa de análise de conteúdo *Atlas.ti*. Inicialmente foi realizada uma leitura flutuante das transcrições e posteriormente era realizada a marcação de trechos do documento selecionados pelo pesquisador, considerados relevantes para responder ao objetivo da pesquisa (citações ou codificação). Cada citação pode ser dividida em trechos que correspondem a uma categoria (código), as quais foram elaboradas de acordo com o conteúdo presente nas transcrições. No total foram gerados 91 códigos, os quais foram agrupados em famílias de categorias, de acordo com a identificação umas com as outras, finalizando com 17 categorias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### *Caracterização das participantes*

A tabela 1 a seguir apresenta os dados de caracterização das participantes da pesquisa.

Tabela 1. Caracterização das participantes

Participante	Idade	Escolaridade	Tempo de união	Quanto tempo separada	Número de filhos	Renda/classe socioeconômica	Situação conjugal atual
1	73	Fundamental incompleto	Aprox. 12 anos	Aprox. 36 anos	3	C2 (17)	Solteira
2	33	Ensino Superior Completo	Aprox. 10 anos	Aprox. 1 ano	1	B1 (44)	Solteira
3	22	Ensino Médio Incompleto	Aprox. 8 meses	Aprox. 5 meses	2	D-E (13)	Solteira
4	34	Ensino Médio Completo	Aprox. 3 anos	Aprox. 1 ano	1	B2 (33)	Solteira
5	50	Ensino Médio Completo	Aprox. 13 anos	Aprox. 12 anos	2	B2 (33)	Namorando
6	47	Ensino Superior Completo	Aprox. 8 anos	Aprox. 3 anos	2	B1 (43)	Namorando
7	51	Ensino Superior Completo	Aprox. 20 anos	Aprox. 9 anos	1	B1 (42)	Solteira
8	35	Ensino Médio Completo	Aprox. 12 anos	Aprox. 7 anos	3	B2 (34)	Solteira
9	41	Ensino Médio Completo	Aprox. 11 anos	Aprox. 2 anos	2	C2 (19)	Solteira
10	26	Ensino Superior (cursando)	Aprox. 4 anos	Aprox. 3 anos	1	C1 (23)	Solteira

De acordo com os dados de caracterização, pode-se verificar que a idade das participantes variou de 22 a 73 anos ( $M= 41,2$ ;  $dp= 14,05$ ). Todas eram mães e tinham de 1 a 3 filhos ( $M= 3$ ;  $dp= 0,81$ ). Quanto à escolaridade, a maioria (50%) tinha ensino médio completo, sendo que 30% tinham superior completo. Sessenta por cento da amostra estava na classe socioeconômica B (B1 ou B2). Com relação ao status de relacionamento, a maioria (80%) permaneceram solteiras após o rompimento com o parceiro agressor. O tempo de separação variou de aproximadamente cinco meses a 36 anos, sendo que o tempo de relacionamento com o parceiro agressor teve durações variadas também (de 8 meses a 20 anos).

Ter alta escolaridade pode ser um fator de proteção (Ackerson et al., 2008), visto que o mesmo possibilitaria uma maior independência financeira e, conseqüentemente, uma maior chance de deixar o agressor. Contudo, o nível de educação das pessoas com

que a mulher convive em seu contexto também pode ser um fator importante para a redução ou não, da VPI, podendo influenciar na decisão de permanecer no relacionamento mesmo que ela possua um alto nível de educação. Assim, embora as participantes do estudo tenham 11 anos ou mais de estudo, no Brasil cerca de 11,5 milhões de pessoas ainda não sabem ler e escrever em 2017, com a incidência chegando a ser três vezes maior na faixa da população de 60 anos ou mais de idade (IBGE, 2018), o que indica uma sociedade com baixo nível de escolaridade, o que pode constituir uma barreira para romper o relacionamento abusivo.

#### *Histórico de VPI*

A tabela 2 apresenta os resultados da Escala de Táticas de Conflitos (CTS-2) aplicada em todas as participantes. Tal escala permitiu identificar a extensão e os tipos de agressões sofridas nos últimos 12 meses de relacionamento.

Tabela 2. Táticas de conflito utilizadas pelo parceiro nos últimos 12 meses de relacionamento.

CTS-2	Participantes										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Média
<i>Sem violência</i>	0	0	3	1	0	5	0	1	2	1	<b>1,3</b>
<i>Violência verbal/emocional</i>	19	10	18	18	20	19	7	13	20	16	16
<i>Violência física</i>	<b>5</b>	3	14	3	15	11	3	0	14	5	7,3
<i>Violência física grave</i>	<b>1</b>	0	4	0	10	8	0	0	8	3	3

De acordo com a Tabela 2, todas as mulheres relataram que estiveram expostas à violência verbal emocional, com a maioria (60%) relatando uma frequência altíssima (18-20 pontos). Em relação a violência física, apenas P8 relatou não ter sofrido nenhum tipo de agressão nos últimos 12 meses antes do rompimento e metade das participantes relataram episódios de violência física grave. Vale destacar que as participantes que pontuaram mais do que 3 pontos em violência física, indicaram episódios de violência física grave. Como apontado por Medeiros (2015), isso demonstra o escalonamento da

violência que, através dos ciclos em que a mesma ocorre, sua frequência e severidade vão aumentando com o tempo, fazendo com que se torne um fator de risco para o feminicídio caso não ocorra nenhuma intervenção.

### *Histórico de exposição à violência na família de origem*

Seis participantes (P1, P2, P3, P4, P8, P9) relataram que durante a infância foram expostas a violência e/ou sofreram violência por parte de seus pais, em especial a violência psicológica. Uma revisão de literatura conduzida por Marasca et al. (2013) identificou que determinadas experiências na família de origem, como a exposição à violência conjugal, podem funcionar como um fator preditor de padrões violentos sejam levados e reproduzidos nos relacionamentos futuros, ou de que a criança anteriormente exposta à violência possa sofrer com a vitimização dentro de um futuro relacionamento. Ou seja, estar exposta à VPI durante a infância aumenta a chance de se envolver em relacionamentos com VIP (como vítima ou agressor) (McWhirter, 2013). O excerto da participante 1 ilustra esse o tipo de exposição vivenciada pela mesma na família de origem.

“Meu pai bateu na minha mãe grávida e ela morreu no hospital quando eu tinha 3 anos”. (P1; 9:90)

Já os excertos da P8e P9, apresentados a seguir, indicam o histórico de abuso psicológico vivenciado por elas. Vale destacar que ter sido alvo de violência na infância aumenta o risco de vitimização no relacionamento íntimo na idade adulta (White et al., 2011).

“Aí a violência psicológica que tinha é que meus pais me falavam que eu nunca ia conseguir um emprego com essa lerdeza minha, que eu era devagar. Ou se eu fazia alguma coisa que a minha mãe não gostava, ela falava que ia me colocar num colégio interno e eu só sairia com 18 anos”.(P8; 14148:14425)

“Mas uma coisa que foi muito forte na minha adolescência foi que a minha mãe sempre minou a minha autoestima. Ela sempre falava do meu corpo, falava que eu tinha as pernas magras demais, que parecia que tinha um buraco no meio das minhas pernas. [...] Depois com uns 10 anos eu engordei, aí ela me chamava de dona redonda, falava que eu ia explodir. Aí eu

emagreci e ela voltou a falar que eu estava magra demais. E sempre criticando o meu corpo, sempre. Eu posso estar com o corpo que for ela vai criticar. (P9; 16838:17763).

### *Variáveis relacionadas à violência física entre parceiros íntimos*

De modo a compreender a experiência das participantes com a VPI foi questionado as razões que elas davam para a violência sofrida. A Tabela 3, a seguir, apresenta as razões apresentadas pelas participantes, bem como excertos das falas das mesmas.

A partir dos dados apresentados pode-se verificar que algumas participantes destacaram que não identificavam as experiências vivenciadas no relacionamento como violência, pois consideravam natural esse tipo de relação entre o casal, dado que corrobora com Medeiros (2015), quando discute sobre o fato de a desigualdade de gênero legitimar o uso da violência pelo homem contra a mulher e, assim, torná-la natural. Vale destacar que essas participantes foram as mesmas expostas à violência na família de origem durante a infância e adolescência, o que indica uma das consequências que a exposição a violência tem ao longo do ciclo vital, tais como, atitudes favoráveis à violência e crença em papéis rígidos de gênero (Child Welfare Information Gateway, 2009; Pereira & Williams, 2009; Graham-Bermann & Perkins, 2010; Holt, Buckley & Whelan, 2008).

Além da naturalização da violência, as participantes destacaram as tentativas do agressor de as culpabilizarem pela violência, demonstrando o controle psicológico exercido pelos mesmos, e o uso abusivo de álcool pelo companheiro, sendo que uma delas relatou tanto o uso de álcool como drogas pelo parceiro íntimo. Cumpre destacar que as participantes relacionaram o uso de álcool e drogas com o aumento ou agravamento da violência. A relação entre álcool e drogas e violência é complexa e requer um olhar cauteloso, isto é, embora se verifique alguma associação com o uso de álcool e/ou drogas e episódios de violência, não é possível afirmar que esta seja uma relação causal (Minayo & Deslandes, 1998). Em uma pesquisa realizada por Oliveira et al (2009) com uma amostra de 1631 pessoas maiores de 18 anos de ambos os sexos que objetivava estimar a violência física entre parceiros íntimos e examinar a associação entre a violência e variáveis sociodemográficas, uso de álcool e outros fatores relacionados; verificou-se que ter parceiro que faz uso abusivo de álcool aumenta a probabilidade da mulher ser vítima de VPI. Já em um estudo conduzido por Ramos

Feijó et al (2016) com 10 casais, todos relataram VPI associada ao uso de álcool., com o agravamento das agressões atrelado ao aumento da quantidade de ingestão de álcool.

As questões financeiras variaram desde relatos de controle do dinheiro pelo parceiro, não permitindo que a participante tivesse acesso ao mesmo para administrá-lo, até coação para pagamento de dívidas contraídas pelo parceiro. Permanecer num relacionamento violento muitas vezes não evidencia as dificuldades econômicas e sociais e o medo de represálias da vítima (Miller, Wilsnack & Cunradi, 2000).

Duas participantes relataram mudanças em seu relacionamento com o parceiro logo após o nascimento dos filhos. Segundo elas, devido aos cuidados exigidos pelo bebê e dificuldade do parceiro em compreender esse momento da maternidade, houve um aumento da tensão entre o casal, cobranças do parceiro em relação a parceira e, conseqüentemente, uma piora na qualidade no relacionamento.

Tabela 3. Variáveis relacionadas à violência praticada pelo parceiro na visão das participantes

<b>Categorias</b>	<b>Número de participantes</b>	<b>Excertos</b>
Naturalização da violência	4 P5, P7, P8, P9	Pra mim era normal, eu só tive ele na vida, então era normal pra mim era normal o jeito como ele era (P7; 7147:7247) Eu até não tinha conhecimento que era uma agressão isso que ele fazia comigo, que era a agressão verbal. (P8; 715:817) Ele sempre foi muito ciumento e eu achava que aquilo era normal. (P9; 1761:1823)
Uso abusivo de álcool e drogas pelo parceiro	4 P3, P4, P5, P6	Aí ele começou a beber, bebia um pouquinho e já se alterava. Era briga todo dia, não tinha horário. Quando ele estava alterado, a gente discutia e eu me trancava no quarto, aí ele esmurrava a porta. (P4; 5179:5555) E o álcool foi aumentando, as badernas foram aumentando, e foi quando ele começou a me agredir. (P5; 494:587) Ele tinha bebido e me deu uma cotovelada. (P6; 9327:9366)
Atribuir responsabilidade à parceira	5 P4, P6, P8, P9, P10	Então na hora das brigas, esse meu parceiro usava isso contra mim, dizia que até minha mãe falava isso de mim, dizia “Até a sua mãe não gosta de você”. (P4; 7274:7423) Ele ficou desempregado e me culpou, disse que o chefe dele não gostava de mim. (P6; 790:862) E eu ficava tentando entender o porquê que eu era a culpada de tudo, igual ele sempre mostrou isso. E depois que eu me separei, eu vi que não, que o problema era ele, e ele jogava pra mim. (P8; 5128:5315) Eles culpam a gente e dizem “ah, você não devia ter feito isso, você sabe que eu sou nervoso e você me provocou. (P9; 9566:9678) Então ele falava “quem vai aceitar você do jeito que você é? Eu te aceito, eu te ajudo e você faz isso comigo”. (P10; 2890:3000)
Questões financeiras	4 P2, P3, P4, P5	Ele me privava de algumas coisas. Não tenho acesso a dinheiro por exemplo. Por muitas vezes ele dizia não ter dinheiro pra nada porque gastei (com um óculos pro nosso filho por exemplo). E por isso passei 2 meses com arroz e coxa de frango em casa (P2; 1439:1686) Eu estava ali e ele só me sugando, tudo o que eu tinha. Quando eu me separei eu fiquei muito endividada, e dois anos e meio depois eu ainda estou me recuperando. Ele me sugava muito financeiramente e eu passando por isso sabe... (P4; 9873:10101). Só que na época eu não tinha o dinheiro porque ele tinha todo o controle financeiro da casa. [...] Mas ele bebia, e quando ele bebia, era sair na rua pra gastar todo o dinheiro. E eu não tinha como, porque ele tinha todo o controle. (P5; 10049:10383)
Nascimento dos filhos	2 P2, P6	Após termos nosso filho as coisas mudaram. Ele sentiu muito a pressão de dividir a atenção. (P2, 615:706) Porque assim, o homem, eu acho que ele não tá preparado pra mulher quando ela se torna mãe, porque ela deixa de ser amante e passa a ser mãe e dá atenção mais pra cria. E ele era mais novo, então eu acho que ele não tinha essa maturidade, e eu também não percebi. (P6; 3755:4018)

### *Consequências da VPI para a mulher*

Viver em um relacionamento permeado por violência está relacionado tanto a problemas de saúde mental (ansiedade, baixa autoestima, transtorno de estresse pós traumático, depressão, história de pensamentos/tentativas de suicídio, isolamento social) quanto a ferimentos físicos, dor crônica, visita frequente ao médico, uso/abuso de medicamentos, uso/abuso de álcool e dificuldades econômicas (WHO, 2013; Peled & Gil, 2011; Adeodato, Siqueira & Souza, 2005; Williams, 2001). Assim, buscou-se identificar como as participantes foram afetadas pela violência.

De acordo com as participantes a violência vivenciada no relacionamento íntimo afetava a imagem que tinham de si mesmas. Muitas fizeram um comparativo de como elas se viam antes e depois do relacionamento, destacando as mudanças que tiveram tanto em relação à autoestima quanto a autoimagem, especialmente devido à depreciação do parceiro em relação ao corpo da mulher, ressaltando padrões rígidos de beleza presentes na cultura. Vale destacar que as participantes com histórico de violência na família de origem destacaram como as experiências vivenciadas na infância contribuíram para comportamentos autodepreciativos e passivos, os quais alimentavam a depreciação pelo parceiro no relacionamento íntimo. A seguir apresentam-se alguns excertos ilustrativos:

“Porque eu não era assim, eu sempre fui muito quieta, fechada. Agora que eu sou ativa porque eu aprendi muita coisa nesse mundo, mas eu era muito fechada, só chorava”. (P1; 2370:2535)

“Eu me sentia horrível. Todo elogio que recebia achava que era por pena ou pra ser gentil. Hoje estou me amando mais. Mas ainda me sinto muito perdida... Nunca acredito que um cara possa se interessar por mim logo”. (P2; 6573:6785)

“Antes de conhecê-lo eu era muito melhor. Depois eu não me reconhecia enquanto eu estava com ele, eu me anulei. Hoje eu vejo que eu tive um livramento”. (P6; 10738:10886)

“Antes eu me via feia, cheia de defeitos, igual ele sempre colocou pra mim que tudo o que eu fazia pra ele, nada prestava. E hoje eu vejo que eu não sou assim, não me sinto tão culpada igual ele fazia eu me sentir. Me sinto melhor, não tem aquele peso nas costas, aquela opressão e medo que eu tinha dentro de casa”. (P8; 12744:13057)

Cinco participantes (P4, P7, P8, P9, P10) relataram o sentimento de culpa pela violência sofrida. Uma participante (P10) relacionou esse sentimento à maneira como foi socializada, identificando como em uma cultura machista as meninas são

socializadas para atribuírem para si mesmas a responsabilidade de agradar e satisfazer as necessidades dos outros, e, conseqüentemente, de perdoarem o companheiro pelas agressões. Já P4 e P8 destacaram como a violência psicológica praticada pelo parceiro levaram-nas a sentirem culpa pelas agressões e, conseqüentemente, questionarem-se sobre sua sanidade.

“Sim, ele falava todo dia que eu estava louca e que eu precisava procurar ajuda”. (P4; 6797:6875)

“Eu carrego ainda esse fardo de culpa”. (P8; 14964:14999)

“Então coloca a culpa em você, você se sente culpada, e por você gostar, você acaba desculpando”. (P9; 9679:9773)

“A culpa não é nossa, mas a sociedade tende a nos culpar, e aí a gente acaba se culpando, porque a gente cresceu achando que a culpa é nossa”. (P10; 12291:12430)

Oito participantes (P1, P2, P3, P5, P7, P8, P9, P10) relataram os efeitos da violência em sua saúde mental (depressão (P1, P3, P8, P9, P10), transtornos de ansiedade (P5) – síndrome do pânico (P2, P7), ideação suicida (P10), transtorno alimentar (P9)), na saúde física (gastrite (P2, P7), inflamação no nervo ciático (P2), enxaqueca (P2), infecção na gengiva (P2), coma (P10)) e nas atividades laborais, tais como faltas do trabalho (P1).

“Eu fiquei doente, tive que parar de trabalhar de dia, tive pneumonia. Tive depressão várias vezes, mas nem sabia o que era depressão, só chorava. Só depois que eu separei dele é que eu soube o que era uma depressão”. (P1; 8127:8341)

“Enquanto nós éramos casados, a forma como ele era, eu desenvolvi síndrome de pânico. Cheguei a fazer tratamento psiquiátrico, depois eu parti pra acupuntura que me ajudou mais. Também tive gastrite crônica e nervosa”. (P7; 18310:18525)

“Em 2013 eu caí numa depressão profunda. Eu caí na real, veio aquela dor de tudo o que ele tinha feito com a minha vida e eu entrei nessa depressão profunda”. (P9; 4617:4772)

“Eu entrei em coma [em decorrência da violência durante a gravidez]. Eu fui conhecer o meu filho 18 dias depois que ele nasceu”. (P10; 9112:9187).

Quando questionadas sobre se sentiam medo de seus parceiros, a maioria (70%) responderam afirmativamente, relatando situações de diferentes naturezas nas quais

sentiram medo. Como exemplo, situações em que tinham medo de dormir, medo do que o parceiro poderia fazer com os filhos e medo de denunciar a violência foram citadas e são apresentadas nos excertos abaixo:

“Eu tinha, tinha medo. Ficava de dois olhos pra dormir, eu não tinha sossego”. (P1; 4123:4198)

“Mas eu também fui firme, porque eu tinha muito medo, de dia, de noite”. (P5; 14760:14829)

“Porque ele estava agressivo, eu tinha medo do que ele poderia fazer comigo e com o meu filho”. (P7; 16279:16371)

“Senti medo sim e só depois de muitos anos eu consegui abrir um boletim contra ele”. (P10; 16694:16775)

### *Exposição dos filhos à VPI*

Considerando que todas as participantes eram mães (um dos critérios de inclusão), buscou-se identificar as formas de exposição e as consequências, na percepção das mães, nos filhos. No total, sete participantes (P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9) relataram que os filhos estiveram expostos tanto a episódios de violência física quanto nas discussões do casal. Contudo, em todas as entrevistas realizadas foi possível identificar algum tipo de exposição das crianças, o que indica que algumas participantes não considerassem ou não reconheciam que seus filhos estavam sendo expostos à VPI. Por exemplo, P10 relatou que seu filho nasceu prematuro (6 meses) em decorrência das agressões sofridas, ou seja, a criança foi exposta à VPI antes do nascimento e, embora a mãe reconheça o parto prematuro como uma consequência da VPI, não atribuiu à exposição.

Em relação aos tipos de exposição<sup>1</sup>, as participantes destacaram a intervenção, isto é, quando a criança tenta impedir a agressão física e verbalmente e a vítima visual (a criança assiste as agressões):

---

<sup>1</sup> Holden (2003) desenvolveu uma taxonomia a respeito das diferentes formas de exposição da criança à VPI baseado em entrevistas qualitativas de crianças e mães. As formas de exposição da criança a violência podem ser separadas em dez categorias distintas: (1) exposta antes do nascimento (efeitos reais ou imaginados de violência no feto em desenvolvimento), (2) intervenção (a criança tenta impedir a agressão física ou verbalmente), (3) vitimizada (a criança é agredida física ou verbalmente durante a agressão), (4) participante (a criança é forçada ou se junta “voluntariamente” na agressão), (5) vítima visual (a criança assiste a agressão diretamente), (6) ouvir por acaso (a criança ouve, embora não veja a

“Meu filho pequeno chegou até a avançar nele” (P5; 759:801)

“Ele só viu uma vez ele me empurrando e veio pra cima de mim no quintal, aí meu filho foi e separou”. (P9; 10924:11021)

“Teve, ele já viu meu parceiro me batendo. E o filho do meu parceiro, de quatro anos também viu. Os dois já chegaram a ver, e o filho dele falava assim “ah tia ele te bateu? Não fica assim não viu?”. E meu menino chorava junto comigo”. (P3; 11579:11849)

“Eles viam, eles falavam que eu tinha que largar, que eles tinham medo que eu morresse. As crianças falavam que se ele me machucassem, elas iriam matar ele”. (P5; 7030:7184)

“Uma vez nós estávamos voltando de uma festa, meu filho estava no banco de trás do carro. Ele tinha bebido e me deu uma cotovelada, meu filho presenciando tudo”. (P6; 9244:9390)

“Sim, principalmente o mais velho. Ele acompanhou todo esse processo, cresceu vendo a gente brigar”. (P8; 10581:10677)

Ao serem questionadas sobre os efeitos da violência em seus filhos, as participantes indicaram que notavam que os filhos sofriam com a situação, sendo que alguns pediam para a mãe se separar do parceiro (P2, P5 e P6).

“Meus filhos coitados, sofriam muito. Meus filhos percebiam, mas nunca falaram nada”. (P1, 5235:5316)

“Algumas vezes ele me disse que queria morar só comigo, porque o papai é muito bravo”. (P2; 6016:6098)

“Chegou um dia que a minha filha me falou “ou você larga dele ou eu vou morar com a vovó””. (P5; 805:892)

“A D se incomoda muito, o L falava pra avó e ela falava “pede pro papai do céu”, o L falava “eu já pedi, e não sou atendido”. Meu filho pediu pela separação, a D também pediu várias vezes”. (P6; 10496:10681)

Ademais, P8 destacou que a filha passou a ser fonte de suporte emocional para a mãe. Achados de pesquisas conduzidas no Reino Unido identificaram que um relacionamento forte e de apoio entre mãe-filhos pode ser um importante fator protetivo

---

agressão), (7) ver os efeitos iniciais (a criança vê as consequências imediatas da agressão), (8) experienciar as consequências (a criança se depara com mudanças em sua vida como consequência da agressão), (9) ouvir a respeito (é dito a criança ou ela escuta conversas sobre a agressão) e (10) ostensivamente ignorava (a criança não sabe sobre a agressão).

que ajuda tanto as mães quanto os filhos a sobreviverem e a se recuperarem dos efeitos da VIP (Katz, 2014)

“A minha filha me ajudou muito, ela sempre fala pra eu esquecer ele, que já passou. Quando eu estou pra baixo ela vê isso na minha expressão facial, se preocupa, fala pra eu deixar ele pra lá. Ela é uma amiga mesmo”. (P8; 11501:11712)

“Então meu filho me apoiou”. (P9; 12471:12497)

### *Relacionamento dos filhos com a mãe*

Ao analisar a literatura a respeito dos impactos da VIP na relação entre mães e filhos nota-se que não existe consenso nos resultados alcançados. Por um lado, Levendosky et al (2000) descrevem que a experiência de VIP pode levar a novas aprendizagens e ao fortalecimento de competências nas mães (aumento da empatia e cuidados com as crianças; evitação do uso de estratégias punitivas; aumento da proteção os seus filhos), como forma de compensar os filhos pelo ambiente familiar instável. Contudo, a maioria dos estudos reconhece a VIP como um fator negativo que compromete essa relação, como, por exemplo, energia emocional e tempo reduzidos para estar com os filhos; aumento da raiva com a criança; comportamento abusivo por parte da mãe (D’Affonseca & Williams, 2011; Damant et al., 2010; Renner, 2009; Holt, Buckley & Whelan, 2008; Kelleher, Hazen, Coben, Wang, Mcgeehan, Kohl & Gardner, 2008; Taylor, Guterman, Lee & Rathouz, 2009; Williams & Araujo, 2009; Sani, 2008; Dias, 2004; Monteiro, 2000; Levendosky et al., 2003; Murray, Bair-Merritt, Roche e Cheng, 2012).

As participantes, ao relatarem sobre o relacionamento com seus filhos, indicaram tanto o fortalecimento do vínculo mãe-filho, com os filhos como fonte de suporte para lidar com as situações experienciadas durante o relacionamento e, posteriormente, no processo de separação (P2, P5, P7, P8, P9); quanto prejuízos na relação com os seus filhos após a separação (perda de guarda e/ou brigas na família extensa (P1, P6, P8).

“Meu filho é minha vida. Nos damos muito bem. Eu o levo e busco na escola, faço ele dormir ouvindo música toda noite, fico com ele até ele pegar no sono. Com ele eu passeio... Nós fazemos tudo juntos”. (P2; 4930:5240)

"Por fim, o pai da D tirou a guarda de mim, ela ficou 3 anos sem falar comigo". (P6; 1801:1877)

“A gente ficou muito mais próximos. A gente sempre conversou muito, ele me chama muito pra conversar. É uma relação mãe e filho de muito companheirismo”. (P7; 14989:15271)

“Anteriormente, o mais velho sempre foi apegado comigo. Aí quando o pai foi embora, ele ficou revoltado porque o pai arrumou logo de cara essa mulher atual dele. Então ele evitava ver o pai no começo. Só que passou um tempo e a situação virou: ele ficou puxa-saco do pai e da mulher, e virou contra mim. É o que eu mais sinto hoje”. (P8; 10929:11258)

Em relação ao relacionamento dos pais com os filhos, as participantes descreveram uma atitude paterna ausente, bem como uma omissão nas responsabilidades de pai que, invariavelmente, recaem sobre a mãe. Os relatos indicam que a ausência do pai ocorreu e/ou aumentou após a separação:

“Só que é ele quem está fazendo tudo errado, ele marcava de vir buscar ela e não vinha. Ele falava que vinha tal horário, ela ficava prontinha esperando e ele chegava duas horas depois”. (P4; 8665:8848)

“Hoje eu só fico abismada porque hoje faz muito tempo que ele não vê o filho. Como é que pode um ser humano não ver o filho? Então eu fico abismada com essa capacidade que o ser humano tem de ser tão frio". (P7; 5320:5522)

“E ele fica ligando para o pai dele, dizendo que quer passar o fim de semana lá. O pai, por iniciativa própria, não vem”. (P8; 11332:11449)

“Apesar da gente morar relativamente perto, ele não liga muito

pro filho”. (P10; 9850:9920).

Os dados apresentados anteriormente vão ao encontro dos achados de Justino, Cotonhoto e Nascimento (2017) que investigaram a percepção de cinco mães a respeito do relacionamento delas e do parceiro com os filhos adolescentes (12-17 anos) em um contexto familiar no qual ocorreu VPI. Segundo as autoras, tanto o relacionamento da mãe com os filhos quanto dos pais com os filhos são afetadas nesse cenário, sendo que o relacionamento com o pai foi considerado como sendo mais afetado negativamente, tendo sido descrito pelas mães como distante e conflituoso.

*O que leva a mulher a permanecer no relacionamento violento?*

A seguir apresentam-se os motivos elencados pelas participantes que as levaram a permanecer no relacionamento, mesmo tendo episódios de violência. A maioria das participantes (70%) relatou que a falta de apoio emocional de amigos e da família dificultou a saída do relacionamento violento pelas participantes, seja por visões contrárias destes em relação a separação, ou por culparem a vítima pela agressão.

“Eu tenho dois irmãos, mas eles me culpam, então eu não tive apoio de outros familiares, tio, tia, essas coisas não”. (P10; 15242:15358)

“Minha mãe dificultou muito o processo, pois ela acredita em casamentos para a vida toda, apenas. Só agora ela começou a aceitar”. (P2; 2201:2328)

“Eu fui julgada por ter saído da minha casa” (P7; 16235:16276)

“A minha família sempre foi muito conservadora, e meu pai sempre foi contra a separação, o divórcio, ele sempre foi muito família”. (P8; 5563:5691)

No entanto, destaca-se que em alguns casos a falta de apoio ocorria devido ao desconhecimento da situação experienciada pelas participantes, pois as mesmas optaram por não expor a sua situação de violência para a família, por acreditarem que deveriam resolver sozinhas, ou por querer poupar familiares e amigos.

“Então eu nunca questioneei nada e sempre aguentei tudo calada. Não é nem por vergonha, é pra não preocupar mesmo, pra não levar problema para outros que também já tem seus problemas. Então eu nunca quis, não por orgulho, mas por preservar as

peessoas de uma preocupação que eu julgava ser desnecessária. Era um problema meu, que eu tinha que tentar resolver de alguma forma, então eu aguentava calada”. (P7; 9969:10366)

“Meus pais ficaram sabendo de poucas coisas, eu falei pouquíssimas coisas pra eles, porque eles já são de idade e eu não queria magoá-los”. (P9; 10286:10422)

Outra variável que contribuiu para a permanência das vítimas no relacionamento violento foram as crenças pessoais das participantes sobre separação, as quais refletiam a cultura em que estavam inseridas tais como a valorização da família tradicional; a necessidade da mulher manter o relacionamento, sendo atribuída a ela a culpa pela separação caso essa ocorresse; e o valor do casamento.

“O que me mantinha era o fato de eu querer ter uma família, porque eu não tinha tido no primeiro relacionamento, o fato do meu filho não ser filho de pais separados”. (P6; 9722:9877)

“Por mais que a gente tente, a mulher ainda é julgada como a principal culpada, eles não enxergam que partiu do homem. As pessoas sempre vão perguntar “O que será que ela fez? Onde será que ela errou? Deve ter sido uma péssima esposa”, nunca se perguntam “O que será que o homem aprontou?”, isso eu enxergo que ainda não mudou”. (P7; 22502:22827)

“Eu aguentava o meu marido porque naquela época a gente faz a proposta pra Deus”. (P1; 4346:4423)

“Eu comecei a insistir numa coisa que não tinha futuro, mas eu estava sensível com a minha filha ainda pequena, queria muito uma família, queria que desse certo”. (P4; 3774:3932)

“Faz 50 e tantos anos que meus pais estão juntos, e eu achava que comigo iria ser igual”. (P7; 20763:20848)

Viver em uma cultura patriarcal constrói padrões de gênero rígidos que passam a ser seguidos pela sociedade e fomentam a desigualdade social, favorecendo a construção da violência no ambiente doméstico que, invariavelmente, atinge as mulheres (Gomes et al., 2007). Portanto, na narrativa das mulheres foi possível perceber que estar inserida em uma cultura machista e que demanda delas o cumprimento de um determinado papel de mulher, também foi uma das variáveis que as manteve dentro do relacionamento violento.

“Mas assim, a partir do momento que eu recebi ele como o meu marido, eu honrei. Eu trabalhava fora, cuidava de dois filhos, cuidava da sujeira que ele fazia. Eu sempre submissa em respeito à ele, porque eu amei ele, então eu fazia tudo quietinha, fazia. Só que ele foi enchendo, eu aguentei até onde eu pude”. (P5; 8245:8606)

“E, às vezes, a gente por ser mulher e por amar, a gente sempre colocava panos quentes, a gente fingia que não entendia. A gente aceita né, a gente acaba ficando submissa a isso. Pra mim era normal...” (P7; 7366:7565)

“Grande parte do relacionamento eu fiquei em casa cuidando de filho e marido, da forma que eu fui criada pra ser”. (P9; 801:911)

Cinco participantes (P2, P3, P5, P7, P8) relataram que tiveram dificuldades de deixar o relacionamento por dependerem financeiramente do parceiro e/ou pelo fato de o parceiro arcar com a maior parte das contas que, se sozinhas, não poderiam pagar.

“Eu tive medo porque vai cair muito o padrão de vida do meu filho”. (P2; 6101:6164).

“Acho que é o que mais me deu medo, é uma sensação de “e agora?”, porque o homem sempre ganhou mais que a mulher. Então meu medo sempre foi deixar faltar alguma coisa pro meu filho. Porque querendo ou não, a renda do meu ex-marido era capaz de sustentar nós dois”. (P7; 15346:15607).

“Sim, a questão financeira, com medo de não conseguir me virar sozinha. E isso foi o que eu tirei de letra”. (P8; 5873:5978)

### *O que contribuiu para interromper o relacionamento violento?*

Dentre as variáveis que contribuíram para que a mulher conseguisse sair, separar-se e/ou interromper o relacionamento violento destaca-se o apoio social de amigos e familiares. Os dados obtidos evidenciam a presença da mãe como principal figura de apoio durante e depois da separação, seguido pela figura da sogra. As participantes também citaram a presença de outras mulheres, como irmãs, amigas e cunhadas, demonstrando que o apoio nos momentos de dificuldades decorrentes do relacionamento violento vinha (quase sempre) de outra mulher.

As principais formas de ajuda foram primeiramente o suporte emocional (“Minhas irmãs me ouvem e apoiam um pouco também” (P2; 2153:2199)), o apoio material (auxílio com a mudança de casa (“Aí nisso uma vizinha minha já encostou o carro, eu já peguei as coisas, a mãe dele me ajudou com o caminhão”. (P5; 1489:1596)); doações de roupas; doação de comida; e dar/emprestar dinheiro) e apoio instrumental no cuidado com os filhos (“Quem ajudava eu com meus filhos era meu sogro e minha sogra” (P1; 6551:6609)).

Além disso, as participantes relataram apoio de amigos e família como um fator que as auxiliou na saída do relacionamento. As falas comumente tinham o conteúdo de aviso ou de conselho, em que sua rede de apoio pedia pelo fim do relacionamento, como pode-se acompanhar nos excertos:

“Até meus tios de fora ligavam pra mim pra me falar que sabiam do que tava acontecendo, pra falar que era pra eu tomar cuidado”. (P3; 3590:3714)

“A mãe dele disse “Você viu? É isso que você quer?”. (P4; 1411:1462)

“Sim, inclusive a minha chefe falava “ele é louco, larga dele”. (P6; 8255:8316)

“Ele tinha uma vida já errada, mas a gente é inocente, mesmo com os outros falando, parece que a gente quer ir lá e levar na cara pra ver se é verdade mesmo. (P9; 1396:1550)

“As crises ficaram tão grandes que a minha família começou a perceber que eu tinha mudado muito, então a minha mãe começou a me questionar muito”. (P10; 4741:4884)

Seguido do apoio social, em que as participantes receberam suporte emocional de amigos e familiares, também se fez presente o apoio material como uma variável que as ajudou a deixar o relacionamento. Ao todo, seis participantes relataram ter recebido algum tipo de ajuda material que variam desde dinheiro até roupas, comida, utensílios de cozinha, pagamento de carreto para deixar a casa do parceiro e auxílio com a mudança de casa.

“Desde quando eu descobri que estava grávida até hoje, graças a Deus as roupinhas do meu filho foi tudo ganhada, nunca comprei nada”. (P3; 5539:5671)

“Aí a minha mãe me apoiou, até pagou o carreto porque eu nem tinha dinheiro naquela época”. (P4; 12606:12693)

“Minha sogra pagou o caminhão da mudança”. (P5; 13036:13075)

“E a minha renda sozinha não dava conta, se não fossem os meus pais a gente teria passado fome. Eu não teria condições de cuidar dele, trabalhar fora e pagar o aluguel se não fossem os meus pais. Se meus pais não tivessem nos acolhido, de forma alguma nós teríamos as coisas que temos hoje”. (P7; 15609:15896)

Das três participantes recrutadas online através de um grupo de apoio para mulheres em relacionamentos abusivos, uma delas relatou o impacto e a importância do grupo nos momentos de dificuldades decorrentes da violência e separação, mostrando o grupo como parte de sua rede de apoio. É possível observar o relato da participante no excerto a seguir:

“E durante esse caminho, eu tenho conhecido pessoas, principalmente do grupo sobre relacionamento abusivo, que foi extremamente importante pra mim. Toda vez que eu penso em surtar, eu vou lá e alguma menina me liga. Quando eu estava em (\*\*\*), eu tive a oportunidade de conhecer mais de dez meninas porque durante as minhas crises elas vinham até mim, e durante as crises delas, eu ia até elas. Então essa rede de apoio foi muito importante”. (P10; 11461:11903)

Foi possível observar também que a religiosidade e a espiritualidade foi um tema presente nos momentos em que as participantes buscaram ajuda, ou como um fator de auxílio e atenuação das dificuldades experienciadas tanto durante o relacionamento quanto na separação. A seguir são apresentados alguns exemplos de relatos acerca do tema:

“Eu entreguei tudo na mão de Deus, e sei que Deus vai fazer justiça”. (P3; 5075:5142)

“Não sei se foi a parte religiosa também, porque eu participo de uma igreja e mudou muito a minha vida”. (P4; 17872:17973)

“Orgulhosa. Agradecida em primeiro lugar. E eu procuro as pessoas pra ajudar porque eu tenho essa dívida com Deus, ele me tirou da morte, salvou a mim e os meus filhos. Então eu me sinto orgulhosa e agradecida. E hoje eu não quero riqueza, mas quero realizar meus sonhos e agradecer a Deus todos os dias”. (P5; 16639:16940)

“Eu tive muita ajuda espiritual, e acho que se a gente não tiver essa ajuda, a gente cai feio. Eu acredito que se a mulher tiver uma ajuda profissional, uma ajuda espiritual, a gente consegue passar por isso. Porque é isso que falta”. (P7; 21962:22192)

Dentre as dez entrevistadas, duas delas afirmaram em seu relato que a questão financeira não foi um fator de impediu a saída do relacionamento violento seja por motivos como ter uma família para auxiliar financeiramente, ou por ter um salário que a tornava independente. Outras participantes também tinham a sua própria renda, mas ainda assim relataram a questão financeira como um obstáculo por não considerarem que dariam conta de tudo sozinhas. a seguir podemos acompanhar excertos do relato destas duas participantes:

“Não, com o apoio da minha mãe aqui eu tinha como me manter, e eu sempre trabalhei”. (P4; 15908:15988)

“Não, nunca atrapalhou. Mesmo porque o meu salário era muito bom”. (P6; 9609:9672)

### *Implicações da separação na vida da mulher*

Nesta seção discute-se algumas variáveis que demonstram mudanças e implicações da separação na vida das participantes entrevistadas tanto de maneira positiva quanto negativa, bem como suas percepções sobre seus filhos na separação, no sentido de continuar ou deixar o relacionamento por eles.

Foi solicitado que as participantes falassem sobre como foi continuar sua vida depois da separação. De maneira geral, muitas responderam à esta pergunta fazendo um balanço entre o passado e o presente, demonstrando o quanto estão diferentes, ou falando sobre aspectos que foram capazes de perceber apenas depois da separação. Algumas delas, até o momento da entrevista, ainda estavam sofrendo as implicações da separação de uma maneira mais intensa do que outras participantes que já haviam passado pelo processo. Segue, abaixo, alguns excertos acerca deste tema:

“Estou no processo. Ele não está facilitando e utilizou de muitas estratégias legais para minar meus direitos. Estou num inferno absurdo nos últimos meses, a gente ainda mora na mesma casa”. (P2; 4661:4847)

“E até depois de eu me separar dele, ele ficava ligando na casa da minha vó, me ameaçando, falando que ia pagar pra eu abortar o nenê, falando pra mim abortar, que não ia assumir a criança”. (P3; 3978:4165) .

“Eu me libertei, eu não sorria mais, eu não era mais eu”. (P6; 9950:10004)

“Depois da separação teve uma fase que eu engordei e deixei de me cuidar, foram dois ou três anos que eu me abandonei completamente. Mas fui melhorando aos poucos e hoje eu me sinto muito melhor”. (P7; 18760:18953)

“Eu estou vivendo bem, eu não sinto falta, não sinto saudade, estou levando numa boa, me sinto mais em paz, mais tranquila pra conviver com os meus filhos, no meu trabalho. Aquele nó que eu tinha na garganta passou, não sei se eu vomitei ou se eu engoli, mas aquele nó na garganta eu não tenho mais”. (P9; 19532:19829)

Cinco participantes afirmaram que sentiram medo que seus ex-parceiros pudessem fazer algo que colocasse em risco elas e seus filhos. O medo de sofrer represálias foi uma variável que, somada com outras, manteve estas cinco participantes

no relacionamento violento e/ou impediu que continuassem sua vida normalmente após a separação.

“Então eu tinha receio de que qualquer coisa que eu fizesse, que ele pudesse fazer alguma coisa pra tirar a guarda do meu filho de mim. Porque durante o processo, eu percebia nele uma pessoa vingativa”. (P7; 10765:10964)

“Eu sempre tive muito medo de denunciar e ele se voltar mais ainda contra mim”. (P9; 7517:7593)

“Depois da separação ele me ameaçou várias vezes, e eu senti medo até de me relacionar com outra pessoa e eu pensei em ir embora até do país, pra ele parar de me perseguir, mas ele parou”. (P19; 16777:16962)

Parte delas tiveram seus filhos como uma das razões pelas quais decidiram deixar o relacionamento e, como é possível perceber nas idades inseridas junto dos excertos, estas mães são mais jovens, o que pode indicar que elas tenham tido mais acesso à informação e mais conhecimento de seus direitos. Assim, estas mães estavam mais cientes dos prejuízos que um ambiente violento poderia trazer aos filhos. Apenas uma participante relatou de maneira direta que um dos fatores para a sua permanência no relacionamento foram os filhos. Não coincidentemente, esta participante tinha 73 anos e hipotetiza-se que sua resposta seja embasada em crenças sociais mais rígidas sobre o casamento, menos acesso à informação e menor conhecimento de seus direitos.

“Eu ficava pelos meus filhos, eu aguentava tudo pelos meus filhos. Eu tenho amor demais nos meus filhos, não abandonei eles de jeito nenhum”. (P1; 5543:5680) **(73 anos)**

“No entanto, ter um ambiente saudável pra ele onde ele veja que não é certo reproduzir certas coisas valem mais pra mim”. (P2; 6167:6285) **(33 anos)**

“Sim, eu decidi sair por causa do meu filho também. Eu não queria que o meu filho ficasse vendo aquilo. Eu sendo maltratada, e eu chorava e ele chorava junto comigo. Aí eu larguei também por causa do meu filho, pensando nele”. (P3; 12236:12458) **(22 anos)**

“Aí quando aconteceu isso eu pensei na minha filha, pra ela não ver isso. Foi o que me deu mais força pra sair”. (P4; 11637:11746) **(34 anos)**

“Mas eu fiz isso totalmente em nome do meu filho, acho

que por mim, talvez eu não tivesse força. Talvez eu ficasse refém dele a vida inteira. E eu não quero que ele viva nesse meio, nem pra ver o que o pai dele faz e nem vivenciar violência doméstica, de ver o pai dele chegando a ponto de me agredir. Então eu tomei essa decisão”. (P9; 8171:8668) (41 anos)

### *Efeitos da entrevista: oportunidade de contar a própria história*

Todas as participantes, ao final da entrevista foram questionadas sobre como se sentiam ao contar a sua história. Como resposta foram obtidos relatos de agradecimento por poderem contar a sua história e ajudar outras mulheres que estejam passando por situações parecidas, além falarem sobre emoções e lembranças difíceis que são trazidas conforme contam sua história. A singularidade de cada participante ao falar sobre como se sentiu pode ser captada a seguir:

“Gosto muito de verbalizar o que sinto. Acho que faz parte de tudo. Nesse caso, da cura. Então fico grata em poder compartilhar”. (P2; 6837:6962)

“Orgulhosa. Agradecida em primeiro lugar. E eu procuro as pessoas pra ajudar porque eu tenho essa dívida com Deus, ele me tirou da morte, salvou a mim e os meus filhos. Então eu me sinto orgulhosa e agradecida. E hoje eu não quero riqueza, mas quero realizar meus sonhos e agradecer a Deus todos os dias”. (P5; 16639:16940)

“Olha, talvez se eu tivesse contando isso há uns 3 anos, eu estaria me debulhando em lágrimas”. (P7; 22975:23067)

“Ah, eu me sinto bem, porque eu estou contribuindo. E é bom saber que isso que eu passei é uma violência psicológica, e eu me sinto bem colocando pra fora”. (P8; 14483:14636)

“É um pouco difícil a gente parar e pensar, lembrar. Dói um pouco, mas como eu sei que isso pode ajudar outras pessoas, então eu não me importo de falar. Quando encontro mulheres que também estão passando por isso, eu conto o meu caso, mostro pra elas que é possível sim se separar, que é possível continuar vivendo, que é difícil mas dá pra seguir em frente”. (P9; 19883:20397)

“É libertador. Antes eu não conseguia falar. Hoje eu consigo falar sem chorar, então isso já é um grande avanço pra mim. Eu estou escrevendo um livro, estou no terceiro capítulo, sobre toda essa história de violência. Pra mim é uma forma de alertar outras pessoas. É normal a gente se apaixonar por um cara, as pessoas não vêm com uma placa “eu sou abusivo”. É extremamente normal a gente se sentir frágil e eu queria que as meninas soubessem que não é normal o cara manipular você, sentir

ciúmes, querer controlar a tua roupa e a tua vida. Eu queria que as meninas entendessem que isso não é normal. E isso é uma forma de alerta. Eu queria que todas as pudessem pedir ajuda, porque talvez se eu tivesse coragem de pedir ajuda no começo, metade das coisas que aconteceram comigo, talvez não tivessem acontecido”. (P10; 19167:19990)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a narrativa de mulheres sobre suas motivações na decisão de continuar ou interromper o relacionamento violento, dando especial atenção ao processo de separação; e investigar de que modo as crianças são afetadas pela violência e influenciam no processo de separação, na percepção da mãe. Com relação às motivações e dificuldades ao deixar um relacionamento, optando pela separação, foi possível perceber que um leque de variáveis se abriu por trás do fenômeno da separação, demonstrando que o mesmo nunca estará relacionado a apenas uma variável. Ao contrário, assim como a violência se mostra um fenômeno multifacetado, a separação também assume a mesma característica quando coloca mulheres em situação de Violência entre Parceiros Íntimos, para driblar questões financeiras, socioculturais e psicossociais a fim de consolidar a separação.

No que diz respeito aos filhos destas participantes, as duas esferas investigadas (exposição à violência e influência na decisão favorável à separação) demonstraram que participantes mais novas relataram uma maior preocupação com a retirada dos filhos da situação de exposição à violência, talvez por terem mais acesso à informação e poderem reconhecer mais facilmente as consequências da violência, quando comparadas às mães com mais idade.

Como limitações deste estudo pode-se apontar o tempo como um fator que impediu que maiores análises fossem realizadas, visto que uma quantidade significativa de variáveis foi levantada pelas entrevistas, abrindo um leque de possibilidades de análises que ainda não puderam ser exploradas. Além disso, o número limitado de participantes pode não ter permitido a obtenção de dados mais robustos e que corroboram com a literatura de uma maneira mais consistente.

Há questões que este estudo deixa em aberto e que podem ser exploradas em outras pesquisas. Uma delas seria a coleta de dados por aplicativo de mensagens, utilizando o recurso de áudio, visto que este procedimento de coleta pode trazer contribuições metodológicas. O grupo de apoio em rede social também é uma variável que pode ser extensamente investigada em estudos posteriores, por permitirem a análise de uma rede de apoio ainda pouco pesquisada. Além disso, este estudo levantou variáveis complexas que, se observadas individualmente, poderiam articular novas perguntas de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- Ackerson, L. K., Kawachi, I., Barbeau, E. M., & Subramanian, S. V. (2008). Effects of individual and proximate educational context on intimate partner violence: a population-based study of women in India. *American journal of public health, 98*(3), 507-514.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. (Eds). (2002). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. (Guareschi, P. A. Trad). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Child Welfare Information Gateway. State statutes. Available at: [www.childwelfare.gov/systemwide/laws\\_policies/state](http://www.childwelfare.gov/systemwide/laws_policies/state). Acessado em 28 de outubro de 2015
- D'Affonseca, S. M., & de Albuquerque Williams, L. C. (2011). Habilidades Maternas de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: uma revisão da literatura. *Psicologia: ciência e profissão, 31*(2), 236-251.
- Damant, D.; Lapierre, S.; Lebosse, C.; Thibault, S.; Lessard, G.; Hamelin-Brabant, L.; Lavergne, C. & Fortin, A. (2010). Women's abuse of their children in the context on domestic violence: reflection from women's accounts. *Child and Family Social Work, 15*, 12-21.
- Dias, I. (2004) Violência na Família. Uma abordagem Sociológica, Porto, Edições Afrontamento

- Domestic, A., & Clearinghouse, F. V. (2011). The impact of domestic violence on children: A literature review. *Sydney, Australia: The Benevolent Society & The University of New South Wales.*
- Emery, C. R. (2009). Stay for the children? Husband violence, marital stability, and children's behavior problems. *Journal of Marriage and Family, 71*(4), 905-916.
- Giardino, A. P., Giardino, E. R. (2010). Intimate partner violence: a resource for professionals working with children and families. St. Louis: STM Learning.
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. D. S., & Coelho, T. D. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm, 20*(4), 504-8.
- Graham-Bermann, S. A. & Perkins, S. (2010). Effects of early exposure and lifetime exposure to intimate partner violence on child adjustment. *Violence & Victims, 25*(4), 427-439. DOI:10.1891/0886-6708.25.4.427.
- Holt, S., Buckley, T. & Whelan, S. (2008) The impact of exposure to domestic violence on children and young people: a review of the literature. *Child Abuse & Neglect, 32* (8), 797-810.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018) Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: educação 2017. Disponível em: <https://brasilensintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>
- Justino, Yara Alves Costa, Cotonhoto, Larissy Alves, & Nascimento, Célia Regina Rangel. (2017). A perspectiva de mães a respeito das relações parentais diante de um contexto de violência doméstica contra mulher. *Pesquisas e Práticas Psicossociais, 12*(3), 1-20. Recuperado em 17 de dezembro de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300004&lng=pt&tlng=pt)
- Katz, E. (2014). Strengthening mother-child relationships as part of domestic violence recovery. United Kingdom: Centre for Research on Families and Relationships, Briefing 72.

- Kelleher, K.J., Hazen, A.L., Coben, J.H., Wang, Y., Mcgeehen, J., Kohl, P.N. And Gardner, W.P. (2008) Self-reported Disciplinary Practices among Women in the Child Welfare Practices: Association with Domestic Violence Victimization, *Child Abuse and Neglect* 32, 811–18.
- Levendosky, A. A., Lynch, S. M., & Graham-Bermann, S. A. (2000). Mothers' perceptions of the impact of woman abuse on their parenting. *Violence against women*, 6(3), 247-271.
- Levendosky, A.A., Lynch, S.M & Graham-Bermann, S. (2000) Mother's perceptions of the impact of woman abuse on their parenting. *Violence Against Women*, 6 (3), 247-271
- Levendosky, A.L., Leahy, K.L. G. Anne Bogat, Davidson, W. S., & von Eye, A. (2006) Domestic violence, maternal parenting, maternal mental health, and infant externalizing behavior. *Journal of Family Psychology*, 20, 544-552.
- Marasca, A. R., Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática da literatura de 2006 a 2011. *Temas em Psicologia*, 21(1), 221-243.
- McWhirter, E. H. (2013). Vocational psychology, offenders and ex-offenders, and social justice: A critical psychology perspective. *The Counseling Psychologist*, 41(7), 1041-1052.
- Medeiros, M. N. (2015). Avaliação de risco em casos de violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília.
- Miller BA, Wilsnack SC, Cunradi CB. Family violence and victimization: treatment issues for women with alcohol problems. *Alcohol Clin Exp Res*. 2000;24(8):1287-97. DOI:10.1111/j.1530-0277.2000.tb02095.x
- Monteiro, F. J. (2000). Mulheres agredidas pelos maridos: De vítimas a sobreviventes. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres
- Murray, K.W.; Bair-Merritt, M.H.; Roche, K. & Cheng, T. L. (2012) The impact of intimate partner violence on mothers' parenting practices for urban, low-income adolescents. *Journal of Family Violence*, 27:573–583

- Oliveira JB, Lima MCP, Simão MO, Cavariani MB, Tucci AM, Kerr-Corrêa F. (2009) Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Rev Panam Salud Publica*. 26(6):494–501.
- Pereira, P.C.; Santos, A.B. & Williams, L. C. A. (2009) Desempenho escolar da criança vitimizada encaminhada ao Fórum Judicial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (1), 19-28.
- Ramos Feijó, M., & Noto, A., & da Silva, E., & Polverini Locatelli, D., & Camargo, M., & Ferreira de Paula Gebara, C. (2016). Álcool e violência nas relações conjugais: um estudo qualitativo com casais. *Psicologia em Estudo*, 21 (4), 581-592.
- Renner, L.M. (2009) Intimate Partner Violence Victimization and Parenting Stress: Assessing the Mediating Role of Depressive Symptoms. *Violence Against Women*, 15(11), 1380-1401
- Saltzman, L. E., Fanslow, J. L., McMahon, P. M., Shelley, G. A. (1999). Intimate Partner Violence Surveillance: Uniform Definitions and Recommended Data Elements. Atlanta, Ga: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Sani, A.I. & Cunha, D.M.M. (2011) Práticas educativas parentais em mulheres vítimas e não vítimas de violência conjugal. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 27(4), 429-437.
- Sinclair, D., Bonomi, M., & Williams, L. C. D. A. (2010). Introdução à Violência contra a Mulher. Aspectos Psicológicos da Violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental. Santo André: ESETec, 69-83.
- UN World Health Organization (WHO), Global Status Report on Violence Prevention 2014, 2014, ISBN 978 92 4 156479 3.
- White, J. W., Koss, M. P., Kazdin, A. E. (Eds). (2011). Violence against women and children: mapping the terrain. Washington, DC: American Psychological Association.
- Williams, L.C.A.(2010). Entrevista Inicial com Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. In: L. C. A. Williams; J. M. Maia & K. A. Rios. Aspectos psicológicos da violência: Pesquisa e intervenção. (p. 428-457). Santo André: ESETec.

Williams, L.C.A., & Araújo, E.A.C. (2009). Habilidades maternas de mulheres que sofrem violência do parceiro: Uma revisão. In: R.C. Wielenska (Org.). *Sobre comportamento e cognição: Desafios, soluções e questionamentos*. (p. 96-109). Campinas: ESETEC.

World Health Organization (WHO) (1996). WHO Global Consultation on Violence and Health. Violence: a public health. Geneva (document WHO/EHA/SPI. POA. 2).

World Health Organization. (2012). Understanding and addressing violence against women: Intimate partner violence.

Wuest, J., & Merritt-Gray, M. (1999). Not going back: Sustaining the separation in the process of leaving abusive relationships. *Violence Against Women*, 5(2), 110-133.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

#### BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a),

A presente pesquisa, intitulada **Mulheres em processo de separação: um estudo sobre o partir ou permanecer em um relacionamento violento**, objetiva analisar a narrativa de mulheres sobre o que as leva permanecer e/ou interromper um relacionamento violento, buscando captar o lado subjetivo do fenômeno bem como suas singularidades, principalmente as que envolvem o processo de separação. A pesquisa está sendo desenvolvida como parte do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Daniela Luciana de Faria Ellio, do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca. Espera-se que os dados contribuam para auxiliar profissionais que atuam com a rede de proteção a violência, outros pesquisadores e a comunidade de modo geral a reconhecer as vicissitudes e experiências das mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos.

Sua participação consiste em responder a uma entrevista semi-estruturada sobre a sua vivência em um relacionamento e o seu processo de separação, e também um questionário de mensuração das agressões sofridas. Estima-se que a entrevista e a aplicação do instrumento demorará cerca de uma hora, podendo ser respondido em dia e horário de sua preferência.

Os dados obtidos serão apresentados em eventos científicos e publicações em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome, assim como informações que possam identificá-la de alguma forma, será mantido em sigilo. Embora outros participantes de pesquisas semelhantes relatem sentirem-se bem em compartilhar algumas informações, você poderá se sentir desconfortável com algum item a ser respondido, tendo o total direito de desistir ou não responder, não sendo obrigado a continuar a pesquisa, sem nenhum prejuízo a você.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)  
responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos

(divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.



São Carlos \_\_\_\_de \_\_\_\_de \_\_\_\_  
dactiloscópica

Impressão

---

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Daniela Luciana de Faria Ellio Telefone: (16)999645881 ou para o Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km.235- Caixa postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos- SP-Brasil. Fone: (16) 33518110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar